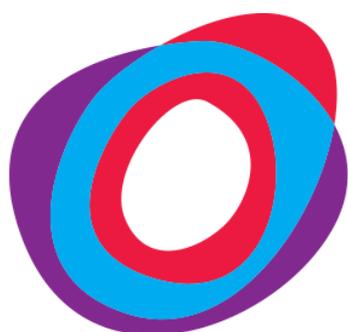


Celular maldito e maravilhoso: gestão dos dilemas de uso

Tereza Perez

Junho de 2023



comunidade
educativa
CEDAC

aprender sempre ensinar melhor aprender

Celular maldito e maravilhoso: gestão dos dilemas de uso

Tereza Perez

Nosso dia, por mais simples que seja, envolve gerenciamento do tempo e do espaço, distribuição, hierarquização e organização de tarefas, controle e acompanhamento, alteração de procedimentos em função de imprevistos ou em busca de melhor otimização do que é feito. Esse processo podemos chamar de gestão.

A gestão ocorre no âmbito pessoal e profissional e demanda continuamente a necessidade de fazer escolhas para corresponder ao que consideramos ser o melhor e estas, por sua vez, se sustentam em ações e decisões. É certo que nem sempre temos o direito à escolha. Há situações que nos obrigam a fazer o que não queremos, não há opção. Mas, na maioria das vezes, somos livres para optar.

Buscamos nortear nossas escolhas segundo nossa visão de mundo, que envolve valores éticos, morais, ambientais, econômicos, pertencimento a determinados grupos, entre outros fatores. Fazemos escolhas em busca do que nos traz mais conforto em direção ao que queremos construir. Esse processo nem sempre é agradável porque se escolhermos X, perdemos X (Y, Z, ...), e ganhar um para perder tantos não é fácil, nem simples.

Escolhas e perdas acontecem em nossas vidas, na família, na escola, no trabalho, onde quer que estejamos. As dificuldades maiores ocorrem quando nos afastamos de nossa visão de mundo. Muitas vezes, isso ocorre por falta de compreensão do que está acontecendo, ou por falta de planejamento e de atenção aos detalhes.

Educar demanda gestão, seja na escola ou na família, mas nem sempre somos conscientes disso e nos distanciamos de nossos quereres, de nossa visão de mundo.

Para aprofundar nossa reflexão sobre desafios da gestão no cotidiano, tomemos como exemplo uma situação da qual quase nenhum educador escapa, seja no seio familiar, seja na escola: o uso do celular.



Celular: um universo de vantagens e aborrecimentos

Maldito aparelho maravilhoso que nos traz tantos questionamentos sobre quando, como, onde e para que utilizar.

Nossos dilemas são frequentes, especialmente no que diz respeito às orientações e contenções de uso do celular para as crianças, adolescentes, jovens e até mesmo para nós, adultos.

Quando é adequado dar um celular para uma criança? Quais decorrências podem ter as conversas por WhatsApp? E as postagens nas redes sociais? O acesso a tantas informações é bom ou ruim? Em quais circunstâncias podemos acessar as informações no celular? Definir tempo de uso diminui os dilemas? Resolve as inquietações? Como lidar com quem fica o tempo todo no celular e não conversa com quem está em volta?

Pergunte ao Google! Chega de celular! Dá para desligar o celular e conversar?

Há circunstâncias em que conseguimos agir com tranquilidade porque reconhecemos a necessidade de uso, mas muitas vezes incomoda. Por exemplo, em uma reunião, ou um almoço, onde os participantes conversam e há um ou dois que ficam olhando a tela toda hora, pior ainda quando sorriem e o restante da mesa não sabe de quê o outro ri. Quando estamos entre adultos incomoda, mas paciência, até podemos pedir para parar. E quando é nossa filha ou filho, como proceder? Ou em situações como ficar no quarto conversando, postando, vendo TikTok... E à noite? Precisa dormir para ir à aula e o celular está em pleno funcionamento.

Por outro lado, a maravilha do celular está em podermos acessar qualquer tipo de informação e, com a inteligência artificial, obter respostas a perguntas, conferir cálculos, encontrar argumentos sobre temas complexos, solicitar a escrita de e-mails, pedidos, revisão de texto... No celular temos o número das pessoas com as quais nos relacionamos e podemos nos comunicar por texto, fala direta, gravações, fotos, vídeos. Filmamos, postamos comentários, compramos, vendemos, pesquisamos. Podemos saber quantos passos demos no dia, como vão os batimentos cardíacos, a pressão arterial, a saturação de oxigênio e muito mais. Aparelho mágico e veloz!

Esse mesmo aparelhinho também é potente para divulgar fake news, incitar golpes, expor imagens, publicar textos sem autorização,



desencadear desentendimentos e brigas, fomentar ideias de ódio, de agressão, de uso de armas, de racismo e homofobia e, até mesmo, para disseminar fofocas. Yuval Noah Harari, em seu livro *Sapiens: uma breve história da humanidade* argumenta que a fofoca pode ter sido um dos primeiros usos da linguagem e que ela é fundamental no estabelecimento de redes sociais porque permite compartilhar informações sobre pessoas, situações, intenções em suas comunidades e isso ajuda a construir laços de confiança. Ele também chama atenção para o fato de que, em sociedades mais complexas, a fofoca pode ser usada para difundir informações falsas, tornando-se mais negativa do que positiva.

Quem não gosta de uma fofoca? Há alguma razão para adolescentes e jovens não fofocarem? Para nós não fofocarmos?

Outra atenção em relação ao celular é o exibicionismo. Expor a vida privada, mostrar-se alegre e lindo/linda em tantas fotos, vídeos, valorizando o corpo, as roupas. Ser influencer e ter centenas, milhares de seguidores em torno de incentivos a regimes alimentares, posicionamentos ideológicos, uso de armas, festas, entre outros tantos temas.

Como podemos agir diante de situações tão humanas, tão valorizadas pela sociedade atual? Quais combinados podemos fazer? Que referências podemos ser para os mais novos? Como nos defendermos dessa arma? Como lidar com a ambiguidade, assumindo que o celular pode não ser uma arma de ataque para nós, pais, avós, educadores, filhos, filhas, netos, netas, alunos e alunas. Como aprender a usar e a se proteger, ou até mesmo se defender de possíveis ataques?

Desafios da gestão no âmbito familiar

Quando nos propomos a assumir o papel de educadores, ou somos levados a isso, precisamos ter consciência de que todas as nossas ações repercutem, afetam o outro e nos afetam, para o bem ou para mal. Ensinamos e aprendemos muito com as atitudes. Os discursos, quando não acompanhados das práticas que os exemplificam, caem no vazio, no descrédito da palavra e isso é grave. A expressão *dou minha palavra* expressa exatamente isso: se falei, irei cumprir. Está apalavrado. Esse é um tema a se pensar em meio a tantas mentiras.

A mãe diz:



“Estou bem preocupada com meu filho porque ele fica o tempo todo no celular, pouco conversa com a gente, só responde usando uma palavra. Foi tudo bem na viagem? TUDO. Não sei o que ele está fazendo. Tem hora que diz que está jogando, ou conversando, assistindo um vídeo..., mas não sei se é verdade ou não.

O que eu posso fazer?

Um modo de agir é optar pela **gestão autoritária**. Você manda. A regra é: eu mando e você obedece. “Não vai mais usar o celular, vou tomá-lo de você e deixar somente uma hora por dia”. Esse tipo de condução visa à obediência e não espera que haja questionamento, é negado o diálogo sobre o assunto. O filho esperneia, mas você se mantém firme e impõe sua ordem. Vamos pensar um pouco em quais são os reflexos disso. As regras impostas, externas ao sujeito, valorizam a aprendizagem da heteronomia, da obediência. As pessoas que crescem em ambientes autoritários são obedientes e desenvolvem poucos recursos próprios para refletir sobre suas atitudes. Comumente odeiam quem os oprime, mas, como são dependentes, obedecem. A obediência, quando chega ao extremo, pode produzir resultados terríveis.

Um exemplo contundente desse problema é apresentado pela filósofa alemã Hannah Arendt, em *Eichmann em Jerusalém*. O livro faz o relato do julgamento de Adolf Eichmann, oficial nazista que, interrogado sobre suas responsabilidades diante dos crimes contra os judeus, respondeu dizendo que cumpria ordens. Não refletia sobre elas, apenas obedecia, executava. Essa obediência nos choca e nos convida a pensar: o que desejamos, afinal? Que os educandos aprendam a obedecer, ou que aprendam a fazer boas escolhas? O

O ambiente autoritário limita o desenvolvimento ético/moral por não favorecer o aprendizado da análise de um fato por diferentes pontos de vista. O que acontecerá com a proibição do uso celular? Provavelmente seu filho usará escondido, ou usará o aparelho de outra pessoa. Às vezes estabelecemos regras rígidas e não conseguimos executá-las, às vezes até recorrendo à estratégia de fingir não notar o descumprimento. Um exemplo corriqueiro: o adolescente está usando celular meio escondido, a mãe está trabalhando e não pode, ou não



quer, parar para armar uma briga, então finge que não percebe e não chama a atenção do filho. Agindo assim, ensina a dissimular, a esconder e distancia o ensino e a aprendizagem da autorregulação. No caso específico do exemplo: a capacidade de fazer boas escolhas sobre o uso do celular.

Outra forma de agir diante do desafio de educar para o uso do celular seria pautado no modelo de **gestão pactuada, mais democrática**, que envolve conversar sobre os benefícios e malefícios das decisões. Uma gestão pactuada busca acordo entre os envolvidos e comprometimento com decisões, por isso é necessariamente participativa e reflexiva, mas não necessariamente igualitária. Pactos podem ser estabelecidos entre desiguais. Nos contextos da família e da escola a igualdade não é condição de funcionamento, e sim meta. Ambas deveriam visar a autonomia plena dos indivíduos que lhes dão sentido – crianças e jovens – ao final de anos de interação.

Para estabelecer uma gestão pactuada o primeiro passo é falar a verdade que, sem a qual não se estabelece um compromisso. Conversas moralistas e preconceituosas serão rapidamente ignoradas e os familiares serão considerados bobos. A conversa direta, objetiva, favorece o crédito para estabelecer uma conversa com **responsabilidade** e compreensão de ambos os lados. Ponderar conjuntamente sobre os benefícios e os perigos permite que, em conjunto, se estabeleçam as regras de uso. Elas não precisam ser as mesmas para todas as pessoas da casa; precisam estar relacionadas aos contextos de uso e serem respeitadas, principalmente pelos adultos responsáveis pela formação da criança, do adolescente ou do jovem. As regras, quando elaboradas conjuntamente, ensinam a participar, ouvir, diferenciar, argumentar, comprovar.

Esse movimento provoca o desenvolvimento da autonomia, que é ter recursos próprios para ponderar sobre os próprios atos. Trata-se de condutas que valorizam práticas de empatia, solidariedade, o cuidado de si e do outro. Valores essenciais para viver em uma sociedade mais justa, solidária e responsável, que prima pela igualdade de direitos e valoriza equidade. Esse tipo de orientação possibilita conhecer e conversar sobre o uso adequado do celular, favorece a aprendizagem da negociação e faz com que todos se responsabilizem.

O controle do tempo deve se dar em função do uso que está sendo feito. Por exemplo: seu filho está no meio de um jogo, ou de um filme. Ele está super envolvido e você quer que ele pare para ir tomar banho.



Em momentos como esse, o primeiro movimento é se colocar no lugar dele e pensar como gostaria de ser tratado. O movimento de se colocar no lugar do outro para identificar a melhor maneira de interação é fundamental para toda prática educativa. São nesses momentos que se estabelece a negociação, exemplo: “você precisa tomar banho, quanto tempo falta para acabar esse filme? ou “quanto falta para finalizar esse jogo? 40 minutos? Quarenta é muito, fique mais 10 minutos e amanhã você continua, ou finalize essa fase e feche o jogo”. A negociação possibilita o exercício da alteridade. Demanda que os participantes da negociação analisem o fato por diferentes ângulos.

Outro caminho é o modelo de **gestão meritocrática**. Os pais estabelecem **prêmios**, como: “se não usar o celular antes de dormir durante uma semana, vai ganhar o tênis tão desejado”, ou “se cumprir a regra, deixo você ir à festa de fulano”. Nesses casos, novamente está havendo uma regulação externa. O filho está se contendo em relação ao uso com o propósito de ser premiado e não está aprendendo que não usar o celular antes de dormir é um ato para sua saúde física e mental. Uma situação comum que ilustra bem essa conduta é a premiação de tempo de tela: “Se você fizer todas as lições, poderá usar o celular por uma hora”. Regular o tempo de uso não ensina a usar o celular, apenas limita o tempo de exposição, que também é necessária, mas não suficiente. A premiação é uma estratégia bastante usual, mas o que queremos é que aprendam a se cuidar, sem precisar de regras externas para regerem suas condutas.

Comemorar conquistas, realizar momentos de celebração após um grande esforço, é um ato de reconhecimento maravilhoso. No entanto, celebração é muito diferente de premiação de bons comportamentos.

Há ainda outra opção para lidar com o assunto: a **gestão ausente**. Deixe-o fazer o que quiser, assim você para de se preocupar e ele fica feliz porque está livre das regras, das chatices diárias. O que ensinamos quando atuamos dessa maneira? Estamos contribuindo para a reflexão, para a tomada de consciência dos efeitos que as escolhas podem causar? Há um falso discurso de que cada um se responsabiliza pelos próprios atos. Isso só é válido quando a idade e o desenvolvimento moral forem compatíveis com fazer as próprias escolhas. A ausência de interação, de diálogo, de formulação de regras conjuntamente gera abandono, indiferença, individualismo e, isso não condiz com o viver coletivamente, com o viver em sociedade.

Podemos fazer a mesma reflexão que fizemos para o uso do celular para outras situações de nossa vida? Podemos pensar na gestão de uma escola?

Modelos de gestão no âmbito escolar

As famílias e as comunidades escolares têm função educativa e ambas realizam uma gestão, fazem escolhas, definem um modo de funcionar, de proceder tendo em vista a formação que se deseja. Os condutores desses propósitos tecem os fios com distintas intencionalidades, o que torna o processo educativo complexo e inesgotável.

Os dilemas que ocorrem em casa também ocorrem na escola. Para nos mantermos no exemplo já analisado, as atitudes diante do estabelecimento de regras para o uso do celular no ambiente escolar podem nos indicar as mesmas quatro linhas de conduta descritas anteriormente: autoritária, meritocrática, pactuada/democrática e ausente. Elas dificilmente ocorrem em estado puro, na maioria das vezes há uma mescla, mas sempre há uma tendência mais acentuada com consequências decorrentes a curto, médio e longo prazo, que expressam a visão de mundo da escola.

No modelo de **gestão autoritária** o gestor ou a gestora é quem manda. As regras são comunicadas aos alunos e alunas e, se elas não forem cumpridas, aplica-se um protocolo de punições.

A **gestão meritocrática** valoriza práticas individualistas e competitivas. Quem cumprir a regra será premiado e aprenderá que as escolhas e as consequências vêm sempre de fora.

Uma **gestão ausente** possibilita que cada professor aja de acordo com seus valores e regras. A anuência com “cada um com seus problemas” desvaloriza a reflexão e a ação sobre as inúmeras situações que ocorrem numa escola, provoca a discórdia entre professores, entre alunos e familiares.

Uma escola **democrática**, no entanto, realiza pactos, estabelece regras de uso em conjunto com sua comunidade. Exemplo: fazer uma enquete junto aos professores, estudantes, funcionários e familiares sobre quais são os bons e maus momentos de uso do celular no ambiente escolar. Essa enquete pode indicar que a maioria dos professores e familiares não identifiquem nenhum momento adequado, enquanto que a maior



parte dos estudantes opta pela liberação. Como sair do impasse? Novamente caminhamos para a necessidade de negociação, de escolher como fazer. Uma boa negociação precisa estar orientada pela intencionalidade educativa e responsabilidade dos profissionais da educação diante dos estudantes, para resultar em bons encaminhamentos. Os acordos estabelecidos na negociação entre os envolvidos provocam maior comprometimento com decisões.

Se quisermos que os alunos aprendam a utilizar os recursos das práticas sociais, devemos proibir, ou solicitar que usem o celular em aula para pesquisa? Podemos, em conjunto, estabelecer a regra de que o celular só será utilizado nessas circunstâncias. Será que os estudantes conseguem se conter para não utilizá-lo em outros momentos?

O mesmo ocorre na hora do intervalo. A escola é espaço de convivência, se cada um ficar com seu celular diminui muito a possibilidade de interação interpessoal por meio dos olhares, gestos, afetos. Um sorriso presencial é bem diferente de um sorriso digital. Como, em conjunto, estabelecer a regra de uso na hora do intervalo?

O estabelecimento de uma regra que funcione precisa que a maioria queira, veja sentido no seu estabelecimento. Por isso é preciso dialogar, respeitar os diferentes pontos de vista, saber argumentar, buscar referências em estudos para que a compreensão se estabeleça. Além disso, as regras demandam revisões, adequações em função da dinâmica do ambiente escolar. O mérito estará na conquista coletiva de observância à regra. Comemorar as conquistas coletivas, fruto de boas escolhas, é essencial e é muito diferente de estabelecer um jogo de punições e premiações.

Aprendemos por meio desses e de outros debates a analisar as circunstâncias por diferentes pontos de vista. Essa competência é essencial para viver numa sociedade plural, em que se valorize o respeito, a solidariedade, o cuidado, o compromisso e a justiça. Tornar-se cada vez mais consciente é fundamental para sabermos escolher, mas isso exige desejo e esforço.

Sabemos que o aprender está diretamente relacionado às oportunidades, experiências que vivemos cotidianamente e a essência do aprender está na resolução de problemas. A busca de soluções em conjunto é mais satisfatória do que as tentativas individuais.

Os ganhos de uma gestão democrática são evidentes quando nossa visão de mundo pressupõe uma educação que almeja crianças,

adolescentes e jovens autônomos, engajados em seus projetos, em projetos coletivos, que saibam analisar os fatos por diferentes pontos de vista, que possam ser competentes em suas escolhas, considerando as dificuldades e a complexidade de se viver em um mundo complexo e desafiador.

aprender sempre ensinar melhor aprender

Créditos

Autoria:
Tereza Perez

Diagramação:
Felipe Seriacopi